

# ATIVIDADE AO AR LIVRE COM O 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL: ROSA DOS VENTOS E ORIENTAÇÃO NO ESPAÇO

<https://doi.org/10.47247/2316.4484/11.1.0>

OUTDOOR ACTIVITY WITH THE 6TH YEAR OF ELEMENTARY SCHOOL: COMPASS ROSE AND ORIENTATION IN SPACE

Emely Sena de Oliveira<sup>1</sup>

Joilson Rodrigues Alves<sup>2</sup>

Wagner da Silva Dias<sup>3</sup>

## RESUMO

---

Este relato de experiência trata de uma atividade ao ar livre realizada durante o cumprimento das atividades do Estágio Supervisionado no Ensino de Geografia, do curso de licenciatura em Geografia da Universidade do Estado do Amazonas em Coari (AM). Procuramos oferecer aos estudantes do 6º ano de uma escola estadual do município uma aula diferenciada acerca da rosa dos ventos e da orientação no espaço, utilizando uma praça em frente à escola. Propusemos um jogo que consistia em descobrir objetos escondidos, através da orientação no espaço, usando um mapa. Organizamos a atividade da seguinte forma: a) pré-atividade, com abordagem em sala de aula dos conteúdos sobre a rosa dos ventos, pontos cardeais e orientação no espaço geográfico; b) realização da atividade ao ar livre; e c) realização da pós-atividade, com uma conversa sobre a atividade aplicada. O objetivo proposto no planejamento visava que os estudantes associassem os conteúdos teóricos com a prática, para compreensão dos conceitos sobre a orientação no espaço. As instruções foram dadas ainda em sala de aula, que versaram sobre os procedimentos da atividade e também sobre os cuidados que deveriam ter fora da escola. Ao chegarmos no local, a turma foi dividida em 4 grupos, e em seguida foi entregue a cada grupo um mapa da área de onde se realizava a atividade. Na etapa seguinte receberam a instrução para utilizar o mapa como ferramenta para encontrar objetos que havíamos escondido em diferentes locais da praça. Todos os grupos conseguiram concluir o trajeto. A dinâmica foi bastante proveitosa, pois os estudantes demonstraram empenho e interesse na realização da atividade. Acreditamos que, considerando a abordagem no pós-estudo de campo, o conteúdo foi compreendido pelos estudantes, o que nos motiva a sempre propor atividades diferenciadas para o ensino de geografia.

**Palavras-chave:** Atividade de campo. Ensino de Geografia. Orientação espacial. Rosa dos ventos. Pontos cardeais.

## ABSTRACT

---

This experience report deals with an outdoor activity carried out during the Supervised Internship in Geography Teaching, of the Geography degree course at the State University of Amazonas in Coari (AM). We seek to offer 6th year students at a state school in the city a different class about the compass rose and orientation in space, using a square in front of the school. We organize the activity as follows: a) pre-activity, with a classroom approach to content about the compass rose, points of compass and orientation in geographic space; b) carrying out the

<sup>1</sup> Licenciada em Geografia pela Universidade do Estado do Amazonas - Coari (AM)

<sup>2</sup> Licenciado em Geografia pela Universidade do Estado do Amazonas - Coari (AM)

<sup>3</sup> Doutor em Educação pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Docente do curso de licenciatura em Geografia da Universidade do Estado do Amazonas (UEA) - Tefé (AM)

activity outdoors; and c) carrying out the post-activity, with a conversation about the applied activity. The objective proposed in the planning was for students to associate theoretical content with practice, to understand the concepts of orientation in space. We proposed a game that consisted of discovering hidden objects, through orientation in space, using a map. The instructions were given in the classroom, which covered the activity procedures and also the care they should take outside of school. When we arrived at the location, the class was divided into 4 groups, and each group was then given a map of the area where the activity was taking place. In the next stage, they were instructed to use the map as a tool to find objects that we had hidden in different places in the square. All groups managed to complete the route. The dynamic was very beneficial, as the students showed commitment and interest in carrying out the activity. We believe that, considering the post-field study approach, the content was understood by the students, which motivates us to always propose different activities for teaching geography.

**Keywords:** Field activity. Teaching Geography. Spatial orientation. Compass rose. Points of compass.

---

## INTRODUÇÃO

*Desde criança, o indivíduo representa aspectos de sua realidade. Por meio de de gestos, fala e grafia, mesmo em tenra idade, evoca uma ação realizada por ele mesmo ou que apenas presenciou. Ele substituirá a ação pela representação, o que lhe permitirá, mais tarde, raciocinar sobre um espaço que está expresso no mapa (MARTINELLI, 2005, p. 55).*

Este relato de experiência descreve e analisa uma atividade ao ar livre que envolveu os pontos cardeais e colaterais, a rosa dos ventos e a orientação espacial. Esta atividade deriva do plano de estágio do componente curricular Estágio Supervisionado no Ensino de Geografia, realizado em 2023 numa escola estadual no município de Coari (AM). Nesta etapa, o professor de geografia em formação tem contato com as turmas do 6º ao 9º ano do ensino fundamental.

Reconhecemos a importância do ensino da linguagem cartográfica nesta etapa do ensino. Tanto a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017) quanto o Referencial Curricular Amazonense (AMAZONAS, 2019) reforçam a importância da construção dos conceitos da linguagem cartográfica e o uso de mapas temáticos. Ao desenvolver a atividade com o 6º ano, procuramos alinhamento com estes preceitos.

A escolha do jogo para trabalhar conceitos fundamentais da linguagem cartográfica, aliada ao fato de realizar a atividade ao ar livre e fora da escola, buscou dar motivação para os estudantes na busca pelo conhecimento. Os objetos de conhecimento trabalhados em sala puderam ser ressignificados numa situação de desafio e ludicidade.

O jogo, popularmente chamado de “caça ao tesouro”, deu condições para os estudantes se apropriarem da linguagem cartográfica através do uso de uma fotografia aérea da praça onde se deu a atividade. Apesar do contato com a rosa dos ventos e os pontos cardeais e colaterais em sala de aula, o mapa da praça exigiu que os estudantes mudassem o ponto de vista, levando-os a usar a visão vertical.

Desta forma, apesar do enfoque estar na rosa dos ventos e nos pontos cardeais e colaterais, a atividade exigiu outros desafios muito úteis para a aprendizagem da linguagem cartográfica. Após uma breve apresentação sobre a importância da orientação e da rosa dos ventos para o ensino de geografia, detalharemos a atividade.

## A ORIENTAÇÃO E OS PONTOS CARDEAIS E COLATERAIS NO ENSINO DE GEOGRAFIA

A cartografia é fundamental para o ensino de Geografia. Os mapas são usados por diversas ciências, mas eles são invariavelmente identificados com a Geografia. Na escola, a cartografia está presente nos livros didáticos, representando vários fenômenos e ajudando na compreensão do mundo. Desta forma, estamos cientes da importância da apropriação da linguagem cartográfica em seus fundamentos durante todas as etapas da educação formal.

A cartografia é considerada uma linguagem, um sistema de códigos de comunicação imprevisível em todas as esferas da aprendizagem em geografia, articulando fatos, conceitos, sistemas conceituais que permitem ler e escrever as características do território.

rio (CASTELAR e VILHENA, 2011, p. 38).

Acerca do início da apropriação da linguagem cartográfica pelos estudantes, Silva (2005), apoiando-se nos estudos de Simielli (1996), aponta para a necessidade de entender como a criança pensa as noções espaciais para um efetivo processo de alfabetização cartográfica. Segundo a autora:

[...] a aprendizagem da lateralidade, das referências e da orientação espacial é necessária para que a criança se desenvolva, durante sua permanência na escola, a habilidade de saber localizar-se e localizar pessoas, objetos, fenômenos e outros lugares, como também utilizar os diversos referenciais de orientação espacial (SILVA, 2005, p. 137).

Esta aprendizagem deve ocorrer ao longo de toda a vida escolar do estudante, com o aprofundamento específico de cada etapa de ensino. Com os fundamentos da lateralidade, referências e orientação é possível tornar a comunicação através da linguagem cartográfica mais complexa.

Acerca da orientação espacial, especificamente, destacamos a reflexão de Pissinati e Archela (2007, p. 180) quando destacam a habilidade inata dos seres humanos de orientarem-se:

Todas as nossas atitudes são comandadas e dependem diretamente da orientação espacial, ou seja, da relação de localização entre os elementos que compõem o espaço. É necessário ter uma noção da distância, da altura ou da profundidade e da posição dos objetos relacionados à tarefa que queremos cumprir no momento.

As autoras destacam que a orientação é algo intrínscio ao ser humano e que movimentar-se no espaço não depende de pré-requisitos, como conceitos sobre a lateralidade ou pontos cardeais. Estes conceitos seriam inseridos por meio do processo de escolarização e são fundamentais para a comunicação por mapas e para a construir uma dimensão da individualidade por meio da percepção de si mesmo no espaço.

Para Fonseca (2004, p. 62), “a orientação é concebida através dos pontos cardeais ou objetos identificados no terreno”. A atividade na praça seguiu neste mesmo entendimento, quando pudemos planejar os pontos de referência e a rosa dos ventos inserida na fotografia aérea. O autor ainda esclarece que “outra forma de orientação [...] é através dos mapas e cartas, neste caso deve-se procurar identificar objetos destacados no terreno e que esteja representado nos mapas e cartas” (FONSECA, *idem*).

Sobre o uso da rosa dos ventos e seu conteúdo, Girardi (2007) aponta para o papel simbólico que ela desempenha nos mapas temáticos atuais. Ao nos depararmos com os dados da realidade, podemos conferir que diversos mapas indicam apenas o norte através de uma seta. Segundo a autora,

A rosa-dos-ventos, possivelmente, foi primeiro desenhada na própria bússola e depois inserida nos mapas como apoio à leitura da bússola. Neste contexto, tinha sentido. Hoje ela perdura em mapas e em bibliotecas de signos gráficos de sistemas de mapeamento digital. Para muitos mapas, ela vai servir, inclusive, como parâmetro de avaliação de sua correção. Esta é uma realidade vivida na produção de mapas didáticos no Brasil (GIRARDI, 2007, p. 55).

Acerca do tema, notamos que uma publicação de um atlas escolar como o Geoatlas (SIMIELLI, 2019), não inclui em seus mapas uma rosa dos ventos ou uma indicação do norte, deixando estas informações subentendidas. No entanto, entendemos que o uso da rosa dos ventos, associado invariavelmente aos pontos cardeais, colaterais e subcolaterais, é necessário no processo de alfabetização cartográfica porque se relaciona diretamente com a construção da lateralidade. Ao longo da vida escolar a compreensão destes conteúdos são pré-requisitos para o estudo de outros fenômenos espaciais. Desta forma, reforçamos a viabilidade do uso da rosa dos ventos em nossa atividade.

Além disso, esta atividade que encontra respaldo no Referencial Curricular Amazonense, quando indica na unidade temática ‘formas de representação e pensamento espacial’, no detalhamento do objeto de conhecimento, a “orientação e localização: pontos cardeais, colaterais e subcolaterais. Meios de orientação e localização (Sol, rosa dos ventos, lua, constalação do Cruzeiro do Sul, bússola e GPS)” (AMAZONAS, 2019, p. 484).

## A ATIVIDADE NA PRAÇA: DESAFIO DE ORIENTAÇÃO

A praça é localizada na frente da escola (Figura 1) e é preciso atravessar uma rua, apenas, o que garantiu a presença da maior parte dos estudantes, assim como a liberação da escola para a atividade. O fato de usarmos um espaço no entorno da escola também foi positivo para a adesão de todos, pois superou a demanda por um meio de transporte.



**Figura 1:** Praça de São Sebastião, Coari (AM), 4°05'06"S 63°08'31"W

**Fonte:** Google Earth. Acesso em 2 mai. 2024.

A saída para uma praça vizinha é oportuna porque permite contato e apropriação para fins didáticos dos espaços do entorno da escola. A praça não foi um objeto de aprendizagem, mas deu suporte para uma sequência didática que mobilizou os estudantes. Mesmo que a praça não tenha sido um “conteúdo”, o deslocamento para ela também estabelece uma relação com a cidade, sobretudo nas cercanias da escola.

### Antes da atividade na praça

Primeiramente, demos início ao planejamento das aulas com o tema de orientação e localização com uma semana de antecedência, visando atender as aulas de cinco turmas do 6º ano. Organizamos um plano de aula e preparamos uma apresentação de *slides* através de um *software* de apresentação (Figura 2). Também iniciamos a preparação dos recursos que foram utilizados na atividade na praça. Ministramos o total de duas aulas, buscando explorar os con-

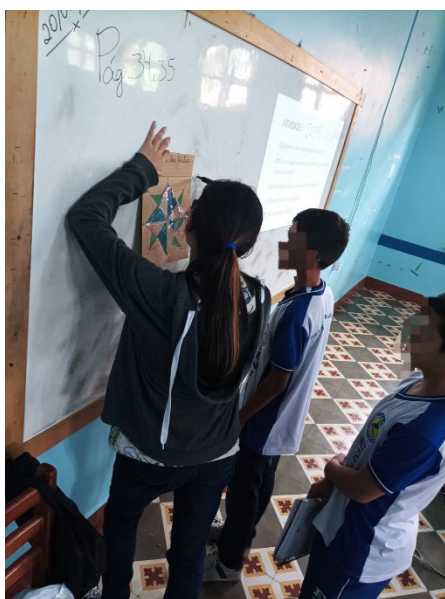
ceitos envolvidos, como a rosa dos ventos (Figura 3), os pontos cardeais e os tipos de orientação, além de solicitar atividades de fixação para os estudantes.

Além da apresentação de *slides*, utilizamos outros recursos para explorar os objetos de conhecimento, sendo eles: o manuseio de uma bússola manual, de uma bússola digital, disponível nos *smartphones*, e de uma rosa dos ventos, além de fotografias da praça onde foi realizada a atividade.

**Figura 2:** aula expositiva dialogada

**Fonte:** Rogerio Brito, 2023.

**Figura 3:** atividade com a rosa dos ventos



Fonte: Joilson Alves, 2023.

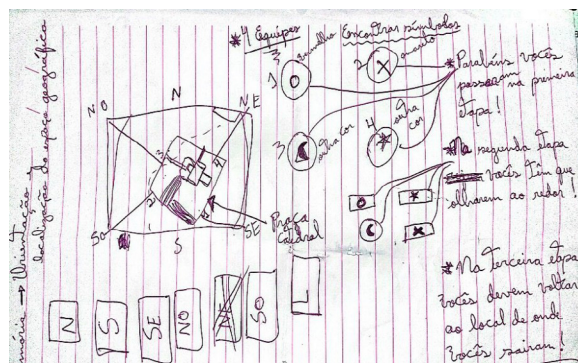
Além dos objetos de conhecimento citados, abordamos as regras e cuidados a serem tomados com a saída para a praça. Foram feitos alguns combinados, como respeitar a fala da professora e dos estagiários, não sair da praça e atravessar apenas faixa de pedestres entre a escola e a praça. Outros cuidados foram tomados, como o consentimento da escola e dos pais ou responsáveis para a saída da escola.

### A realização da atividade

Antes de detalharmos a realização da atividade, convém comentar sobre sua preparação e organização. A partir das aulas pré-atividade, ou seja, realizadas dentro da sala de aula, selecionamos apenas uma das cinco turmas do 6º ano. A escolha baseou-se em aspectos comportamentais e nível de confiança entre os professores estagiários e os estudantes.

A preparação da atividade partiu de ideias colocadas no papel (Figura 4), utilizando como orientação a imagem da praça disponível no Google Maps, similar aquela da Figura 1. Considerando que a atividade seria desenvolvida com uma turma de 39 alunos, planejamos dividir a turma em quatro grupos, diferenciando-os através de símbolos como, em que o grupo 1 seria representado pelo símbolo bola (O), o grupo 2 seria o símbolo xis (X), o grupo 3 seria o símbolo lua (☾), o grupo 4 seria o símbolo de uma estrela (☆). O tempo de realização da atividade foi de 50 minutos.

**Figura 4:** Esboço da preparação da atividade



Fonte: elaboração de Emely de Oliveira, 2023.

Os pontos da praça foram determinados conforme aponta a Figura 5. Esta figura foi a mesma entregue em papel impresso para os grupos se orientarem. Exemplo: o grupo O tinha que seguir em busca do seu símbolo na direção noroeste da praça e assim os demais grupos seguiriam as direções que precisavam ir conforme a instrução no início da atividade.

**Figura 5:** Representação da praça com os pontos de referências



Fonte: elaboração de Rogério Brito, 2023.

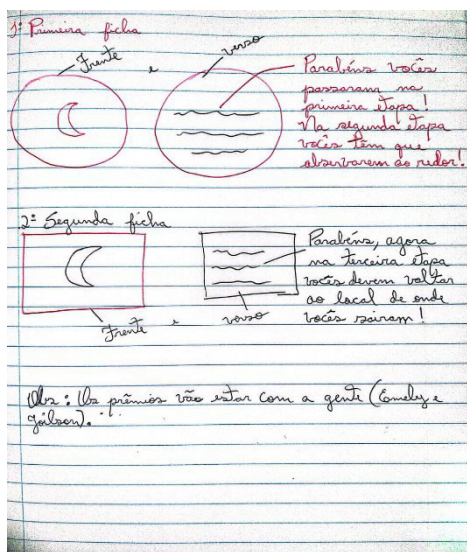
Desta forma, o trajeto de um grupo não se confundia com o do outro. O mapa e a rosa dos ventos eram usados na situação inicial, no início da atividade. Conforme as orientações dadas no ponto do Portão A (Figura 6), cada grupo tinha uma direção a seguir e deveriam encontrar sua ficha neste mesmo sentido em arbustos, bancos, construções, ou o que estivesse na direção atribuída a eles.

Quando encontravam a primeira ficha marcado com o símbolo do grupo (Figura 7), havia dicas para encontrar o segundo, seguindo as mesmas instruções anteriores. Na segunda ficha havia o comando para retornarem ao ponto de início.



**Figura 6:** orientação para a atividade em grupo

Fonte: Joilson Alves, 2023.

**Figura 7:** concepção das fichas

Fonte: elaboração de Emely de Oliveira, 2023.

O desafio, portanto, era que cada grupo deveria encontrar duas fichas com seu símbolo escondidos na praça. Diversas questões apareceram durante a aplicação da atividade. A primeira delas se relacionou diretamente com a transição da visão vertical para a visão frontal. Alguns grupos levaram um tempo maior para entender o posicionamento deles na praça e a direção correta.

Mais questões foram surgindo. Houve um grupo que estava na dúvida sobre se NO da rosa dos ventos era nordeste ou noroeste. O risco de tomar a direção errada era nunca encontrar a ficha com o símbolo do grupo. Neste sentido, pudemos orientar adequadamente para o grupo não se perder.

O grupo X, na busca por sua primeira ficha, encontrou uma marca com um X numa parte de terra e julgou ser parte da atividade. Apesar da alegria por terem sido os primeiros a encontrar seu símbolo, foi preciso informar que o X estaria numa ficha de papel e que deveriam continuar

procurando.

Alguns grupos procuravam as fichas no nível do chão, mas colocamos no caule de palmeiras e bancos, por exemplo, deixando a busca um pouco mais difícil. Foi preciso orientar para procurarem além do chão. Este dado provou atraso na atividade e o último grupo precisou de ajuda para encontrar a segunda ficha. Reafirmamos que nenhuma ficha estava em local de difícil acesso, era apenas uma questão de direcionar o olhar em diferentes alturas do chão.

A dinâmica da atividade se mostrou proveitosa, pois todos os grupos concluíram o trajeto. Os estudantes demonstraram empenho e alegria durante toda a atividade. Distribuímos alguns prêmios simbólicos, como bombons e alguns materiais escolares para todos os grupos, tendo em vista que o objetivo era concluir o trajeto e não concluir em primeiro, apenas.

## Após a atividade

Na aula seguinte, nos reunimos brevemente com o grupo para avaliar a atividade. O principal argumento dos estudantes foi que nunca haviam saído da escola para realizar uma atividade e que gostaram muito da experiência. Solicitaram mais atividades como esta.

Acerca da verificação da aprendizagem, não foi possível entrar neste debate com os estudantes do ensino básico. A professora titular continuaria estes tópicos dentro do planejamento e só aí é que poderíamos avaliar o impacto da atividade na aprendizagem.

É importante frisar que esta atividade estava associada às práticas de estágio supervisionado. Os estagiários cumpriram a carga horária no 6º ano e deveriam cumprir em todos os outros anos. Desta forma, não foi possível estabelecer uma sequência didática mais longa e uma relação mais duradoura.

Nesta breve conversa com os estudantes, a impressão é de que os objetivos foram alcançados, sobretudo pelo despertar do interesse pelos temas abordados e pelo sucesso na conclusão da atividade na praça.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O 6º ano do ensino fundamental é um momento importante para o trabalho com os conceitos e fundamentos da linguagem cartográfica. Tanto Brasil (2017) quanto Amazonas (2019) trazem esta questão com bastante ênfase,

sendo acompanhados pelas coleções didáticas oriundos do Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD).

Nesta oportunidade, escolhemos elaborar uma sequência didática que abordasse a rosa dos ventos e a orientação espacial e que continha uma atividade ao ar livre. São muitos os riscos para retirar estudantes da escola, mas pudemos contar com uma praça na vizinhança imediata, com grama verde e espaços amplos, propícia para a atividade.

Após a realização das aulas expositivas dialogadas que antecederam a atividade, selecionamos uma das cinco turmas de 6º ano. A atividade, que teve o tempo máximo de execução de 50 minutos, obteve êxito não só em cumprir com o tempo combinado, mas permitiu que os estudantes cumprissem o trajeto destinado a cada grupo.

Os aspecto lúdico esteve presente vinculado à aprendizagem relacionada à rosa dos ventos, pontos cardeais e colaterais e orientação no espaço, principalmente. No entanto, houve o contato com uma fotografia aérea e com a noção de visão vertical. O aspecto do jogo revelou-se muito motivador.

O fato de estarmos presentes num período muito curto na escola, para cumprimento da carga horária do estágio supervisionado, não permitiu o acompanhamento mais próximo, a continuidade da sequência didática ou a elaboração de novas atividades com esta e com outras turmas do 6º ano.

Concluimos que trazer a atividade lúdica para a aprendizagem pode ser muito positivo, apesar dos desafios de organização que se apresentam para o planejamento e execução da atividade. No nosso caso, consideramos que houve um bom aproveitamento e que todo o processo manteve os estudantes motivados para a continuidade dos estudos.

## REFERÊNCIAS

AMAZONAS. Secretaria de Estado de Educação e Qualidade do Ensino. **Referencial Curricular Amazonense - Ensino Fundamental Anos Finais**. Manaus: SEDUC, 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017.

CASTELLAR, S. M. V.; VILHENA, J. **Ensino de Geografia**. São Paulo: Cengage Learning, 2011.

CAVALCANTI, L. S. **A geografia escolar e a cidade: ensaios sobre o ensino de Geografia para a vida urbana cotidiana**. Campinas: Papyrus, 2008.

FONSECA, A. V. L. **Orientação geográfica: uma proposta metodológica para o ensino da geografia na 5ª série**. Dissertação (Mestrado em Dinâmica e Reestruturação do Território), Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2004.

GIRARDI, G. Cartografia geográfica: reflexões e contribuições. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, nº 87, p. 45-65, 2007.

MARTINELLI, M. O ensino da cartografia temática. In: CASTELLAR, S. M. V. **Educação geográfica: teorias e práticas docentes**. São Paulo: Contexto, 2005.

PISSINATI, M. C.; ARCHELA, R. S. Fundamentos da alfabetização cartográfica no ensino de geografia. **Geografia**, v. 16, n. 1, p. 169-195, jan./jun. 2007.

SILVA, L. G. Jogos e situações-problema na construção das noções de lateralidade, referências e localização espacial. In: CASTELLAR, S. M. V. (org). **Educação geográfica: teorias e práticas docentes**. São Paulo: Contexto, pp. 137-156, 2005.

SIMIELLI, M. E. R. **Geoatlas**. 35ª ed. São Paulo: Ática, 2019.

SIMIELLI, M. E. R. **Cartografia e ensino, proposta e contraponto de uma obra didática**. Tese (Livre Docência), São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1996.